

UM CASO DE PSICANÁLISE DE CRIANÇA

Dulce Campos¹

“O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem.”

(LACAN, 1953/1998, p. 278)

1 A separação e o “tchau”

Tudo começa com a palavra da mãe de Gilson, em um encontro informal na minha casa, sem horário previamente marcado.

Gostaria que você visse meu filho. Tem quase quatro anos e nunca chegou a falar. Já andei por todo tipo de médico: psiquiatra, pediatra, audiometrista, psicólogo, foniatra. Sua fala parece um dialeto indígena. Atualmente está sendo acompanhado por um neurologista infantil que não tem diagnóstico firmado. Precisa de mais dados, não se sabe o que ele tem.

Nas primeiras entrevistas, continuando seu discurso, acrescenta:

Não desejávamos este filho. Foi o último, antes houve um aborto. Quando ele tinha 4 meses e meio tive de me afastar de todos por suspeita de ser portadora de doença contagiosa. Foi uma separação abrupta. Comecei a estudar e a pensar na minha vida profissional. Eu e o pai estamos em desacordo com relação ao tratamento psicanalítico de Gilson. Ele acha desnecessário e recusa-se a colaborar no pagamento, mas não se opõe propriamente. Eu decidi assumir sozinha. Confio em você e entrego-lhe meu filho. Acho esquisito o afastamento físico dele em relação ao pai. Nunca sentou no seu colo. Quando vai para nossa cama, distancia-se do pai, fica na beira oposta como se estivesse se protegendo de espinhos no corpo do pai.

Após esses relatos, vejo Gilson pela primeira vez. Bom aspecto físico, delgado, rosado, louro, olhos claros, postura adequada à idade. Olhar vago e distante, ausência de emoções faciais. Como se não estivesse em lugar nenhum. Há uma dúvida geral quanto à sua integridade auditiva, com fortes suspeitas de surdez por parte da audiometrista. Em razão desse distanciamento do mundo que o cerca, poder-se-ia levantar a hipótese de “autismo” com todas as reservas que essa nosologia suscita (BERGÈS; BALBO, 2001).

Desse modo Gilson se conduz nas entrevistas que se seguiram. Na sala, ele não

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: dulce.campos@globo.com

apresenta sinais de angústia ou de inquietação, apenas distância. Diante de ruídos, parecia não ouvir. Eu buscava uma forma de me tornar presente. Um contrato de três sessões semanais com horários preestabelecidos.

Lápis, papel não lhe despertam nenhuma reação. Não me olha. Não chora, não ri; sobretudo, não fala. A passagem ao imaginário não me era acessível na hipótese de autismo com dúvida de viabilidade para o simbólico. Parecia um “puro real” a se manifestar nas suas formas de ser, sem aspiração de corpo, caótico. A ausência da fala e da sua iminência apontava para alguém que não habitava este planeta. Como trazê-lo? Como introduzi-lo em outra morada? Uma “ausência” repetitiva parecia insistir na busca de um encontro faltoso (BATAILLE, 1988).

Na quarta sessão, eu começo a embalar uma boneca com cantigas de ninar. Parece não me escutar. Olhar distante, vago, quase fixo. Pouco a pouco, interessa-se pelo que se passa. Apoia-se cada vez mais nos braços da poltrona onde se encontra, começa a babar olhando admirado a cena. Fisicamente, aproximei-me quando o vi tomar a ponta do meu cinto, levando-a à boca. Eu me desequilibrava, caía e rolava com ele pelo chão da sala. Rebolávamos, deitados. Hoje posso descrever a experiência com detalhes. Naquele tempo, não. Não tive a força de Freud para escandalizar o mundo; até do círculo dos profissionais da área, eu temia reprovações. A cena de ninar parecia ter desencadeado um processo: aéreo, olhando, babando... Uma possibilidade de identificação (CAMPOS, 2002).

Alguma coisa acordava nele: lembranças, fatos, desejos (DOLTO, 1988). Levantando hipóteses, eu pensava sobre as coisas que antecedem a linguagem verbal estruturada pela lei da cultura. A possibilidade de surdez reduzia minhas oportunidades de ação psicanalítica. Era, sobretudo, a falta de qualquer forma de comunicação, gestos, expressões faciais, movimentos corporais expressivos que me levavam a procurar outros elementos para trabalhar com Gilson. Penetrar naquele continente fechado, constituído antes da linguagem falada, decifrar seus mistérios, seguindo passo a passo com ele, constituía-se um desafio para mim.

Veio-me à lembrança o episódio da separação brusca da mãe por motivo de sua doença contagiosa. Não ficara muito distante porque habitava o primeiro andar da casa. Ele sabia que ela estava por perto e, a qualquer momento, voltaria. Ameaça de perda, ausência, falta, frustração, podendo instalar-se como traumática. Embora os fatos não tenham em si mesmos um sentido traumático, é por meio deles que se vai estruturando o imaginário na via da simbolização dos desejos advindos do Outro que, aos poucos, se instala (DOLTO, 1972). Os traumas assumem um valor relativo na estruturação dos sintomas, servem de suporte para a subjetividade e continuam a ecoar na estrutura, lá onde se encontra o sujeito (DOLTO,

1983). Essa experiência se repete (DOLTO, 1990) em um contexto cada vez menos biológico em nível inconsciente.

O desejo da mãe se fazia insistente esperando a emissão da fala de Gilson (DOLTO, 1996). Não tendo sido desejado, nele inscrevera-se factualmente a morte – tentativa de aborto – antes mesmo de nascer. Não puderam evitá-lo. Uma irmã que o antecederia fora vítima de aborto voluntário. Tudo isso passível de simbolização (FREUD, 1905/1996). Continuava evidente sua dificuldade em sair do caos para o mundo criado. Olhos não para ver, ouvidos não para ouvir, mãos não para sentir. Tentando, treinando? Aprendendo...

Após dois meses de contatos sistemáticos com o pequeno, surpreendi-me com uma nova reação sua. Ao terminar a sessão, dizendo-lhe tchau, dirigiu-se ao lugar onde me encontrava sentada em uma cadeira, curvou-se sobre meus joelhos, entre minhas pernas, entregando-se ao acolhimento. Começou a pesquisar no meu rosto: olhos, nariz, boca. Trazendo sua saliva, colocando-a na minha boca, ele molhava meus cabelos. Sua expressão era de ternura e de investigação. Passei a antecipar esse momento de tchau, considerando-o útil para aprofundar seu relacionamento comigo e tornar fecunda minha exploração do seu mundo interno.

Gilson explorava a geografia do corpo, do meu ao seu, do seu ao meu, identificando-se comigo, quem sabe, para encontrar nele próprio o lugar onde se aprisionara a fala. “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”. (FREUD, 1923a/1996, p. 39).

Ele em êxtase e absorto, eu acolhedora, Gilson passou a experimentar o tchau com que eu lhe acenava o final da sessão como algo convidativo para chegar mais perto de mim. Ficar fisicamente mais perto, ouvindo cantigas do seu tempo de bebê, revivendo a ligação com a mãe bruscamente afastado dela aos 4 meses. A palavra “tchau” parecia tê-lo inserido na linguagem, caminhando para uma relação intersubjetiva (FREUD, 1907/1996). Ver a boneca sendo ninada e contemplar a cena parecia-lhe ter aberto os olhos. Seu embevecimento parece ter acelerado as mudanças, tirando-o do parasitismo, dando mais clareza às minhas intermináveis interrogações. Cada vez mais presente a si mesmo, Gilson estava reconhecendo partes do seu corpo, olhando, ouvindo, tocando, identificando-se.

Com aquela palavra de despedida, admiti que algo acordara em Gilson relacionando-se com a separação: o nascimento; o brusco afastamento da mãe. Linguagem incipiente, mas comunicante. Não ria, não chorava. Quando muito, encolhia-se e choramingava sem emitir sons. Apenas ruídos roucos sem melodia, mas ele crescia, eu testemunhava.

A mãe me falara na linguagem excêntrica do seu filho que ainda permanecia, para ela,

um dialeto indígena. Ela gravara essa linguagem estranha em fitas cassetes e levava para meus arquivos, que ainda guardo, esperando que o tempo, pelo menos por respeito a Gilson, não a destruía. Mostrava-se suficiente para satisfazer às necessidades básicas: comer, eliminar os excrementos (FREUD, 1920/1996). Vinha asseado para as sessões. Polido na forma de se comunicar, mesmo sem a fala.

Ele, ali, em cada pedaço do corpo, anunciava-se sujeito. Objeto *a* (FREUD, 1921/1996) fragmentado em cada parte do corpo, um “vir a ser” em enunciação. Nele tudo era busca de gozo, proporcionando-se prazeres que eu cuidava em não interditar (FREUD, 1923b/1996). Em mim, sentimento de estar caminhando por uma pista que o conduziria a outro lugar. Ainda não chegara o tempo. Mesmo sem falar, ele estava cada vez mais presente (LACAN, 1954-1955/1985).

Ao procurar ouvir o som dos objetos que propositadamente eu jogava ao chão quando ele se encontrava por trás das cortinas, buscava a origem dos sons. Nesse jogo de esconde-esconde ia encontrando-se como sujeito (FREUD, 1923a/1996). Afastara-se a possibilidade de surdez ao mesmo tempo em que no jogo presença-ausência se anunciava a simbolização (*fort-da*). Lá, a linguagem evidenciava-se preexistindo à estrutura (FREUD, 1924/1996), a caminho de um vir a ser, necessitando de um grande Outro (FREUD, 1937/1996) para essa operação inaugural.

Seu mutismo me inquietava. Para mim, um desafio e uma pista. Ele jogava ludicamente em um *vis-à-vis* comigo revelando seu “desejo” (KLEIN, 1947/1981). Algo teria ocorrido anteriormente ao estabelecimento da linguagem verbal, impedindo Gilson figurar como falante.

Tantas tinham sido as “peregrinações” de Gilson com sua mãe pelos profissionais que se propunham a manejar suas dificuldades, como as minhas quando eu procurava discutir com colegas o enigmático caso; em Recife e no Rio, com psicanalistas de diferentes escolas e mesmo em Paris com Rosine Léfort, experientes em autismo infantil. Minhas dúvidas eram suscitadas naqueles que me ouviam. Essa troca entre profissionais da área e mesmo com equipes interdisciplinares é terapêutica e profícua para os que lidam com conflitos internos graves. Aprendi que somente com o tempo, ao longo do processo, com as manifestações advindas do próprio Gilson, as coisas se esclareceriam. Ele teria de prosseguir na autoria do próprio processo.

Por intermédio de sua mãe, o neurologista pede um contato comigo por telefone. Surpreso, transmitia-me suas novas impressões sobre Gilson, afastando a possibilidade de problema neurológico e considerando enigmática a participação da criança nos novos contatos

clínicos. Assim me disse: “Os sintomas desapareceram como por mistério.” Referia-se à presença de percepção, de corpo que agora se manifestava. Curiosamente, o médico indagava sobre como eu estava agindo com a criança.

Mudança: “estranha” para o neurologista; “familiar” para mim, acompanhando-o em outro registro. Mais uma vez, estimulando-o a explorar seu corpo onde a palavra se encontrava aprisionada. Oferecendo-lhe meu mundo e o mundo dos objetos para impulsioná-lo. Revivendo com ele a experiência morte e ressurreição, curiosamente percebo-o atento para procurar os objetos. Participa com júbilo da experiência que se interpõe entre eu e ele, com a mediação dos objetos. Fornece-me elementos para me situar com relação ao diagnóstico (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998) a partir o momento em que manifesta a capacidade de ouvir, abrindo-se para a comunicação.

Afastada também a hipótese de causa médica – neurológica, psiquiátrica – responsável pelas dificuldades de Gilson, restava-me a de autismo. A psicanálise me desafiava a uma nova forma de trabalho. Empírico? Nunca. Intuitivo, não só. Bebendo em Melanie Klein nas suas geniais intervenções com Dick (LACAN, 1945/1998), eu procurava “enfiar” em Gilson a linguagem, o inconsciente, que introduz no mundo os seres falantes.

Em certo tempo, já próximo dos 5 anos de idade, Gilson passou a chegar às sessões no colo da mãe, de chupeta, fralda, sem sapatos; apenas de meias. Eu o acolhia sem restrições. Uma regressão, sem dúvida (LACAN, 1953/1998).

Gilson não tinha sido desejado. A inscrição da morte o havia precedido. O brusco afastamento da mãe. Tudo passível de simbolização. Eram questões presentes em mim durante todo o tratamento.

Os pais se separaram. A mãe ficou com a guarda dos filhos. Semanalmente, Gilson e Bil, seu irmão mais próximo em idade, ficavam, sem nenhum problema, em contato com o pai e sua nova esposa. Na análise, Gilson jamais tratou desse assunto. Mesmo porque pouco falava sobre os fatos concretos da vida. No máximo, fez umas dez vezes durante os oito anos de tratamento. Autista ou não, ele demonstrava possibilidade de ser ou de tornar-se sujeito. Questão de estrutura? (LACAN, 1958a/1998). Isso se renunciara mesmo à época da sua linguagem “primitiva”, um dialeto “indígena”, faltando-lhe se inserir na ordem da linguagem da cultura do seu tempo (LACAN, 1958b/1998).

2 O menino e o cachorro

Com criança, observo curiosamente algumas vezes um animal tornar-se significante

no contexto da análise. Instrumento de identificação com algum traço. Era o menino-gato, o menino-monstro, o menino-lobo. Animais que existiam como fantasmas do bem ou do mal, fadas benfazejas, personagens frequentes no vocabulário das crianças, parecendo recobrir outros significantes que se associavam e se prestavam à elaboração do processo infundável, uma busca em direção ao “real” (LACAN, 1953-1954/1986).

Assim Gilson viveu uma experiência por ele mesmo construída, revelando seu acesso à identificação a caminho do Édipo (LACAN, 1954-1955/1985) com possibilidade de dialetizar a “presença-ausência”, de viver a alienação e a separação sem se dissociar.

É quando traz “Rei”, um cachorro de verdade, para as sessões. Rei poderia falar por ele. Observava minhas relações com Rei, diante das sabedorias, travessuras, transgressões. Rei bagunça os brinquedos, morde a mamadeira, destroça a casa de bonecas. Tira as coisas do armário para brincar. Chega a fazer xixi e cocô na sala, deixando a sua marca.

Inicialmente, ao entrar na sala com Gilson, Rei fica algum tempo de pé na vidraça que separa minha sala de atendimento da sala de espera, onde a mãe os aguarda. Abrindo a cortina, eles podem vê-la. Eu facilito a experiência. Rei se põe a duas patas olhando a mãe, grunhindo. Falo diretamente com o cãozinho: sua saudade da mãe, seu medo de ficar preso, de ficar comigo – converso com ele (LACAN, 1957-1958, 1999). Atento ao que digo, Gilson me ouve e olha o que se passa. Precisa assegurar-se, por meio de Rei, de que nenhum mal lhe pode acontecer com suas peraltices se vier a me incomodar. Comento como o xixi e o cocô são coisas boas que estão dentro de nós e precisam sair porque se ficarem presas na barriga nós vamos ficar doentes. Temos de deixá-las no banheiro. E assim prossigo com outros comentários pertinentes, mantendo o caráter psicanalítico na relação (LACAN, 1958-1959/2002).

Gilson ouve-me atento, experimentando prazer com o “brincar de Rei” (LACAN, 1961-1962/2003) e em participar dos desafios que o cãozinho nos coloca. Ao levá-los à sala de espera, no fim das sessões, comento com a “mãe” as experiências de Gilson, por intermédio de Rei, para me conhecer melhor, saber o que é e não é permitido durante a sessão, observando a forma como reajo.

Ele me ouve e ri enquanto Rei sacode alegremente a calda. Utilizo-me de palavras esperando que tomem sentido: “saudade”, “você quer ver se eu fico ‘zangada’, ‘braba’.” O permitido e o proibido associam-se possibilitando que ele avance na alternância alienação-separação (LACAN, 1962-1963/2005), parte do processo de subjetivação. Gilson “arrisca-se” a ser transgressor. Depois de algumas sessões, não precisa mais de Rei para realizar suas façanhas. Antes de Rei, ele existia: passivo, silencioso, ausente, babando ao me olhar

acalentando as bonecas, vendo-me botar e tirar os panos que protegiam os braços da poltrona. Em um gesto continuado, assim se revelavam: o vestir, desnudar, proteger as poltronas, usá-las... Nessa alternância, por identificação, Gilson continuava abrindo espaço para a entrada do Outro.

Eu considerava sua atitude trazendo o cãozinho como instrumento de identificação, verdadeiramente inédito e expressivo. Lembrei-me de Freud e de Lacan quando abordaram a identificação de diferentes formas: a identificação *a*, a identificação *com* e a identificação *reflexiva*, quer dizer, consigo mesmo (LACAN, 1964/1995). A identificação possivelmente de Gilson com Rei poderia ser tomada como uma identificação consigo mesmo, a uma parte de si, fundindo-se com Outro, um outro em si mesmo. Ele procede por regressões (LACAN, 1972-1973/1982) em direção ao “traço” por onde se organizará a cadeia significante, a partir do S 1 da metáfora paterna (MANNONI, 1989). A “identificação colada”, quem sabe, aos desejos inconscientes dos pais que, por não ter sido filho desejado, parecia ter-lhe levado a ocupar o lugar do morto.

Impressionava-me a sequência com que Gilson apresentara suas produções, apontando para uma cronologia estruturante do sujeito nos termos em que Freud (1905/1996) escreveu as “fases da organização da libido e os três ensaios”, começando pela sua relação autoerótica com partes do próprio corpo (MANNONI, 1979). A energia se encontrava lá e se manifestava em qualquer momento da vida infantil ou adulta, animando a estrutura. Gilson lambeu, babou, mordeu. Olhando o ninado da boneca, utilizando a mamadeira de brinquedo para despedaçar, comendo e cozinhando as bonecas em um “fazer de conta”, manipulando ludicamente partes do meu corpo – significativos da oralidade.

Ele mesmo trouxera Rei para urinar e defecar na minha sala e, ele próprio, fazendo isso depois – manifestações da analidade. A convergência para o depositário libidinal é feita pelo *ego*, superfície corporal. De mero corpo, Gilson ascendeu a um corpo-mente, falante, desejanse. Ao falar, pensa, demanda, deseja. Desejos que o animarão sempre.

3 Gilson: o falo e a fala

Muito tempo se passou até que surgiu o momento auspicioso do surgimento da fala de Gilson para denominar objetos, construir frases e histórias em ricas metáforas que eu acolhia sem pretender intervir.

No início da análise, privado da fala, indiferente aos estímulos externos, ao salientar o problema do surgimento do sujeito, Lacan mostra como isso requer um reconhecimento pela

mediação da fala e pela aliança entre simbólico e imaginário. Afirma que é na via intersubjetiva que o desejo surge e se faz reconhecer. No delírio, a ausência da fala se manifesta pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito é antes falado do que falante (MANNONI, 1991). No caso de Gilson, a ausência de linguagem parecia situar-se em um nível diferente do que a que estrutura o delírio. No esforço do sujeito para reencontrar o objeto enquanto perdido, Freud evidencia a presença da “repetição e da pulsão de morte”, procurando estabelecer uma ligação entre elas e a linguagem (SPITZ, 2004). A palavra, instrumento de linguagem, tem o efeito de representação da coisa enquanto ausente; ela significa a morte da coisa, ou melhor, é preciso que a coisa suma, desapareça para a palavra passar a existir; sendo nomeada, a coisa deixa de existir (VALAS, 2001).

Gilson não se dava conta da existência delas. Parece que, no começo da análise, não existiam para ele. As raízes da sua dificuldade inicial para perceber dialeticamente esse fenômeno, a palavra como representante da “coisa”, não lhe permitia utilizá-la. Para a função de representação, requer-se a constituição do par imaginário-simbólico que permita as transmutações de níveis. Com seu “dialeto”, Gilson já denotava alguma capacidade de vocalização, uma comunicação rudimentar, um impulso para a linguagem, primitiva no dizer da psicanálise, porém destituída de “apelo” e não ordenada segundo as leis da cultura. Não significante, quem sabe, significantizável. E nada se pode fazer psicanaliticamente sem que o sujeito haja entrado na ordem que o habilita à constituição da cadeia simbólica.

A primeira palavra articulada foi “cuscus” usada para designar “não” sem nenhuma ligação com a realidade usual. As qualidades e substantivações das coisas atribuídas por ele eram singulares. “Bil” era o nome que dava ao irmão dois anos mais velho que ele.

Posso imaginar seu interesse para apreciar a cena de ninado da boneca como parte de sua análise, a exploração do meu corpo, suas relações com Rei, como elementos a serem inscritos na “cadeia”, relacionados com alguma experiência sua ao observar o crescimento dos animais, o coito como fantasia protofantasmática. A posição quadrúpede do animal faz pensar no coito anal e, de certa maneira, no que ele teria presenciado, acrescentando a suas intuições. Anal é também por onde passa a merda para o que usa a palavra “cul”. Identificado à merda, um nada, a um “animal”, Gilson se põe nesses lugares, mas os ultrapassa como se vê ao nomear suas criações pictóricas e discorrer sobre elas ao longo da análise. Histórias de ladrões que assaltam, de polícias que prendem, de monstros que assustam. A identificação não significa igualdade. O sujeito superpõe a essa pretensa igualdade qualquer outra coisa. Qualidades atribuídas aos objetos, frutos do imaginário, o que vem dar relevo nas relações de sujeito nas quais o falo se interpõe como vazio, desejo, falta. Não se trata da “falta” de um

objeto gratificante que lhe produziu frustração: o afastamento da mãe, por exemplo, quando ele tinha 4 meses e meio. Nem da carência do aleitamento, mas de algo da ordem simbólica em que se utiliza das situações concretas, apenas para suporte, como é o caso da diferença anatômica dos sexos com relação ao falo.

À medida que a criança percebe a mãe desprovida do pênis e que ela não poderia dar-lhe, tanto as meninas como os meninos, privados ou ameaçados de castração, revivem a dialética presença-ausência. Na situação de “ter-não ter” ou vir a perdê-lo, a experiência alienação-separação, observada em Gilson, evidencia-se quando elabora sua primeira história, manifestando a vaidade narcísica por possuir o pênis, velando o medo de perdê-lo. Aparece no discurso o conflito da diferença sexual em um movimento ativo-passivo, a partir da distinção homem-mulher quando percebe a não existência de pênis na sua mãe, podendo classificar as pessoas como possuidoras de pênis ou castradas.

Até então, o pai de Gilson não viera falar sobre o filho (LACAN, 1957-1958/1998). Depois de certo tempo, aceitou meu convite e, ao referir-se a Gilson, informou que não desejara mais ter um filho quando ocorreu a gravidez. Cogitaram do aborto. Após seu nascimento já com cinco filhos, duas mulheres e três homens, sem combinar com a esposa, surpreendeu-a com uma vasectomia que lhe oferecia como se fosse um “presente”. Assim ela se despreocuparia da procriação. Sempre se inquietara com o mutismo do filho, pensando que seria uma dificuldade a ser superada pela própria criança. Contudo, ele permanecia sem falar. Impotente para ajudá-lo, dispunha-se a aderir ao tratamento, pagando um terço do valor das consultas, pontualmente, com cheques que Gilson trazia até o fim dos atendimentos. A partir de então, vinha ao meu consultório sempre que eu o convidava por bilhetes que Gilson levava.

Penso na constituição do “recalcado” quando Lacan (1964/1985, p. 27) diz: “[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem.” Gilson: psicótico, autista, neurótico?

Já não me interessava a questão porque o diagnóstico para mim não era fundamental. Interessava-me Gilson, vivendo com ele a posição dialética ativo-passivo com todos os receios que ele ainda carrega. Por meio da linguagem, isso se possibilitava. Vê-lo experimentar o prazer e buscá-lo, tentando controlar a realidade, tal como fez no cobrir e descobrir os braços da poltrona, no esconder-se por trás das cortinas pelo prazer da descoberta mesmo calando, preparando-se para usar a fala.

Por fim, ao ascender à linguagem verbal, constrói sua primeira história em que evidencia a diferença anatômica dos sexos indo além de palavras ou de frases soltas (FREUD, 1924/1996). “Quem tem bilola: eu e papai. Você não tem. Deus manda em tudo. Mamãe do

Céu não manda, não tem bilola. Você e mamãe não mandam em nada. Não têm bilola, têm periquita.”

Anúncio da organização fálica na interioridade de Gilson, possibilitando-lhe a ordenação do mundo, exprimindo a diferença – o conflito edípico.

Freud ultrapassou suas afirmações contidas no texto da diferenciação anatômica entre os sexos para tratá-la na dimensão simbólica do falo. Lacan as reforça e explicita. Já não será o pênis o objeto que falta à mulher e que pode ameaçar o homem. É o “falo”, representante da falta que se transpõe para constituir-se objeto do desejo. “Ter-não ter”; “ser-não ser”, o falo torna-se o centro da questão edipiana com todas as intercorrências de uma relação triangular.

Na dicotomia ativo-passivo, o sujeito como codificador ou decodificador é ativo. Do mesmo modo que é ativa a pulsação da vagina, clitóris, pênis. A atividade predominante do pênis, na sua forma ereta, foi a razão de ter sido ele o escolhido pela psicanálise para essa representação por ser a imagem do fluxo vital na sua turgidez e por ser o mais saliente a se fazer apreender no real da cópula. Assim o pênis representa o falo, significante privilegiado que assim se coloca pelo rito do seu desaparecimento. Segundo Lacan (1958b/1998, p. 560), a “função imaginária do falo, portanto, Freud a desvelou como pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração”.

Autista ou psicótico, Gilson teria de ser levado a colocar “Um-Pai”, ainda não advindo do lugar do Outro em oposição simbólica ao sujeito.

É preciso ainda que esse Um-pai venha no lugar em que o sujeito não pôde chamá-lo antes. Para isso basta que esse Um-pai se situe na posição terceira em alguma relação que tenha por base o par imaginário e complementar a-a’, isto é, eu-objeto ou ideal-realidade. (LACAN, 1957-1958/1998, p. 584).

Assim é que, no sexto mês de análise, por um bilhete, vim a saber pela mãe de Gilson:

Dulce, Bom dia. A esperança na recuperação de Gilson sempre houve presente em mim, mas, após os fatos ocorridos ontem, emocionada e deslumbrada, transmito-lhe minha certeza. Consciente de que ainda temos um longo caminho a percorrer, sinto-me imensamente grata na convicção de que você conseguiu encontrar um caminho. Desculpe-me se não consigo ser clara, mas uma coisa é certa, Gilson rompeu a ‘barreira’ de maneira firme e corajosa. Objetivamente, ele ontem assistiu à transmissão da corrida de automóvel, em companhia do pai, como dizer, com alegria exuberante. Conseguiu, finalmente, graças a você! Sem mais, ratifico minha admiração pelo seu grande êxito profissional.

Respondo-lhe: D. Lina. Bom que Gilson esteja descobrindo a presença do pai na sua vida, sem medo, como companheiro também. Recebi seu bilhete e divido com a senhora os

louros desta vitória. Aos poucos, o senhor João, sem se aperceber muito claramente, engaja-se nesse nosso trabalho. Cordialmente, Dulce.

Com a chegada ao Édipo, o discurso organizado de Gilson marcou sua entrada na ordem significante (1955-1956/1992). Seu narcisismo como portador de um órgão, símbolo de poder e força, torna-se prevalente. O desprezo pela mulher, mãe, “castrada”, malgrado sua experiência com uma mãe provedora, profissionalmente ativa, responsável pelo pagamento de sua análise, reforça a pertinência da teoria falocêntrica oriunda de Freud. Os privilégios de certa “cultura do poder” pesam em nível imaginário na situação de menino e, em contrapartida, a desvalorização da mulher mesmo quando é, como no caso, a força produtiva da família.

O conflito vivido por Gilson expresso no seu discurso continuava a requerer uma escuta psicanalítica. A mãe nos informa dos pesadelos e dos medos dele das ruas movimentadas... Surgem associados a manifestações do conflito edipiano.

Pergunta-se: tudo estava lá e apenas não aparecia? Há possibilidade nessa triangulação de metaforizar o Nome-do-Pai? (LACAN, 1956-1957/1995). De qualquer modo, isso exigiria uma força agente capaz de fazer eclodir todo o potencial a se confrontar com a castração sem o que a análise não se realizaria. Para chegar à castração, Gilson estava fazendo um longo percurso. As experiências por ele vividas no processo de análise se aliam à vida.

Afastada a possibilidade de autismo, progressivamente utilizamos no tratamento os instrumentos das análises com neuróticos: exploração da fala, as associações com vista à expressão e à elaboração de desejos sempre enganosos e escondidos nas demandas. Minha escuta dirigia-se ao inconsciente de Gilson, em uma linguagem que pudesse ser compreendida por uma criança, provocando-a.

Tudo se organiza em um tempo em que a comunicação verbal caminha na estrutura: possivelmente provocando um novo “arranjo” dos elementos que nela preexistem.

Até então, nas sessões de análise, Gilson se portava como “não sabendo” falar, retraído. De que, de quem? Por quê? Essa dificuldade não era certamente da ordem da aprendizagem. Dúvidas minhas. Seu distanciamento e alheamento não eram suficientes para indicar psicose. Não parecia ser uma questão de simbolização do Nome-do-Pai. Situava-se antes disso, mas poderia ascender. Não sendo capaz de se dar conta dos objetos, tampouco de nomeá-los, possivelmente por temê-los como parecia temer a fala, Gilson nem sequer teria alcançado a capacidade de designar os Nomes-do-Pai se a estrutura não lhe permitisse.

Não creio que o “medo” nas situações concretas houvesse produzido uma detenção ou regressão no processo de sua estruturação como sujeito. Essa provavelmente teria sido a

possibilidade admitida pelos pioneiros da psicanálise com crianças. Convidados a situar a questão de outra forma, poderíamos admitir que o medo tivesse “cortado” o processo, impedindo a conquista da fala no tempo dos homens. O afastamento brusco de sua mãe, quando ele estava com 4 meses e meio, pode ter tido o efeito de acolher esse “ausente”, consolidando-o no real do corpo e da vida. Onde estaria o “impedimento” que já antecederia os fatos?

Diante de um medo forte, a fala se detém. Isso ocorre frequentemente em uma relação de causa e efeito. Podemos até admitir em Gilson certo “tipo de medo”, do seu corpo, que ele transferira para o corpo do pai, medo dos “espinhos” que talvez a fala perigosa pudesse colocar em ação. Medo quem sabe, dele próprio, das coisas que habitavam seu corpo. Medos que lhe foram comunicados por via inconsciente: o aborto provocado do irmão que o antecedeu, e o desejo de a mãe interromper também a gravidez dele. Medo da morte. Pensaram em aborto. Não fora desejado. “Melhor seria que não tivesse nascido”, diria a história bíblica (BÍBLIA, N.T. Mateus, 26: 24).

Vimos anteriormente a relação estabelecida entre o surgimento da linguagem e a pulsão de morte. Já na infância bem precoce, observamos a ligação entre os medos bem primitivos de Gilson, oriundos da sua história familiar, podendo explicar sua abstinência singular para a ação. Medos que antecedem os fatos da cultura, experiências inibidoras por ele vividas ou, quem sabe, captadas do inconsciente dos pais. A vasectomia voluntária do pai, uma castração no corpo, deve ter sido relevante na sua silenciosa história. Com a colaboração de Rei, ele assume a capacidade dádiva-agressão, deixando xixi e cocô na minha sala, enfrentando o temor de aceitação ou rejeição. Não importando suas origens, admitimos que esses movimentos são também de linguagem e preexistentes a ela, e que, uma vez reduzida a inibição, a fala aprisionada, surgiria. Esperamos por isso.

Esses medos em forma de gritos, pesadelos e inibições me foram comunicados por sua mãe, pois Gilson ainda não falava. Sua primeira fala elaborada foi a pequena história que transcrevemos anteriormente: uma história que contém o medo...

Decorridos dois anos de análise, ele intensifica os desenhos e começa a construir pequenas histórias sobre eles. Linguagem pobre, vocabulário reduzido comparado com as sucessivas riquezas das imagens denotadoras de emoções intensas do seu mundo interno: ladrões que roubam, fantasmas que assombram, policiais que prendem, animais que atacam. Limito-me a ouvi-las e a anotá-las. Qualquer intervenção que procure trazê-lo para a vida real é por ele ignorada ou recebe respostas monossilábicas e vazias. Não percebo essas reações como expressão de “negativismo”. Nem como uma resistência ao processo, porém como

forma de marcar sua presença.

Após cerca de três anos das construções ficcionais, proponho-lhe que pare de desenhar e me fale das próprias histórias: quando começou a vir aqui, sobre seus familiares, sua escola, seus brinquedos, seus amigos. Gilson acede. Deixa de desenhar, mas também de falar. Dois meses se passam sem que emita uma só palavra. Sentado, pensativo todo o tempo. E eu, ansiosa, “esperando” por ele. Não estava segura do acerto de minha intervenção. Às vezes, atribuía à minha dificuldade de ler, por trás das ricas e variadas metáforas, a sua história. Eu havia estabelecido para ele uma relação entre o relato da história da sua vida com sua experiência de crescimento. Com Gilson, sofri culpa e dúvidas. Até que lhe sugeri retornar à ficção por meio dos desenhos como fazia antes. Entreguei-lhe a prancha. Ele titubeou. Insisti. Referindo-se a um dos meus argumentos quando lhe propus suspender a ficção e entrar na realidade, ele ponderou: “mas assim eu não vou crescer.” Mesmo parecendo contraditória, falei-lhe dos escritores e dos poetas que não abrem mão dos seus escritos, e nem por isso deixam de crescer. Confiante, Gilson retornou aos desenhos e à construção das histórias até o final da análise. Eu não estava segura do valor terapêutico da minha intervenção. Um corte? Ou se tratara de uma provocação para ele se afirmar?

Eu havia privado Gilson do que ele próprio escolhera para se expressar: o desenho e as histórias de ficção. Se eu posso denominar “corte” minha intervenção, é por haver tido efeito de análise. Ele reagiu e prosseguiu, produzindo. E agora, retomando Lacan (1956-1957), repenso cada momento do meu trabalho, quando ele diz que as intervenções psicanalíticas são de sustentação, devendo possibilitar ao analisante sair do momento evanescente que frustra para buscar o objeto inatingível jamais alcançado.

Em psicanálise, o trabalho se caracteriza na medida e somente quando conduz o sujeito à castração. Como acentua Lacan (1956-1957/1995), é transcendendo a frustração que se pode instaurar uma lei e consagrar a ideia de privação. O percurso da privação e da frustração à castração só é concebível para alguém que seja capaz de fazer a articulação em um plano efetivamente simbólico, passando pelo imaginário em busca do real. É unicamente quando essa frustração entra em uma dialética, legalizada na dimensão de gratuidade, que o sujeito pode admitir certas privações como permanentes.

Na análise, há frustração, há demandas por parte do analisante, demandas que velam o desejo. Gilson inicialmente não demandava de modo inteligível. Aos 10 anos, fez-me um primeiro pedido com relação ao período de suas férias, uma ligeira alteração no calendário por mim proposto para participar de uma viagem com os familiares. Era tão objetivo que o atendi.

Parece que a dialética a ser vivida na dimensão do desejo fora revelada a partir do

momento de sustação dos desenhos e das histórias. Gilson ficou como que "suspenso" desse mundo de exigências e de restrições. Incapaz de viver a relação sujeito-objeto referida por Freud e Lacan na perspectiva da neurose. A teoria das psicoses, explicitada por Lacan (1955-1956/1992) deixa questões pouco esclarecidas na clínica.

Não vejo claro o movimento de foraclusão do nome do pai em Gilson, que caracterizaria as psicoses. Há clivagem, buraco, vazio na relação sujeito-objeto fazendo desses pontos lugar do desejo. Na dialética imaginário-simbólico-real, Gilson chega a isso ao longo do processo analítico que durou perto de oito anos. Inicialmente, enquanto sujeito, o que demonstrava era o "caos". Assim se imagina o começo do mundo, antes que o Senhor o organizasse. O estado caótico de Gilson durou um tempo analogamente ao sétimo dia da construção do universo, do mundo criado.

“O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem” (LACAN, 1953/1998, p. 278). Quando ele se organizou para a fala, percebia-se que o impedimento vinha lá “de dentro”. O medo velado de crescer, de não se tornar homem, “revelava-se” na sua primeira história de caráter fálico. Indestrutível como a história do desejo humano, o conflito edipiano continuava a se expressar com novas roupagens, provocando a recaída dos mortais por “séculos sem fim...”

4 O medo dos espinhos

A mãe havia-se referido, nas entrevistas iniciais, a uma impressão que lhe causara o distanciamento entre pai e filho como se Gilson se protegesse de espinhos que estariam na superfície do corpo do pai.

Em um momento, percebi a ligação entre esse fragmento da história de Gilson relatado por sua mãe e as atitudes dele comigo. Dei-me conta de que ele nunca retribuía meu cumprimento social de estender a mão à sua chegada e à saída da sessão. Interpretei o gesto sintomático: ele pensa que minhas mãos têm espinhos. Era esse o motivo, imaginado pela mãe, que levava Gilson ao distanciamento físico quando se punha diante do pai na mesma cama. Minhas palavras o surpreenderam. E eu escutei, sem que ele falasse: “Ah! e eu nunca havia pensado nisso.” Expressão típica de um inconsciente flagrado. Nessa sessão Gilson elabora a história de um porco-espinho que assustava.

Os contos de assombração, de policiais, de monstros e de ladrões prosseguem. Pede para escrever: “Brinquedos na noite...” Não importa, como vim a saber, que esse fosse nome de um livro que circulava na sua escola. Importante é que essa expressão entrava na sua cadeia simbólica em uma relação, por certo, significativa.

Seus olhos já são para ver, seus ouvidos para ouvir, sua boca para falar, seu pensamento para associar e refletir. Imitação? É coisa que se faz após a experiência de identificação. Por meio da análise, Gilson estruturava-se. Como sujeito. Não tenho dúvida.

Soube, por sua mãe, que ele tomou a iniciativa de frequentar o curso de inglês, como seus irmãos; e de vir sozinho às sessões de análise. Nessa época ele tinha 9 anos. A distância entre sua casa e meu consultório era grande e perigosa, tanto no percurso do ônibus, como por ter de atravessar uma avenida nova extremamente movimentada. A mãe pediu minha opinião, mesmo com sua posição firmada. Eu nada sugeri. Deixei-a livre. Ela aquiesceu ao pedido dele, ainda que cheia de temores.

Passou a vir desacompanhado, chegando pontualmente, sem nunca ter faltado às sessões, a não ser em um curto prolongamento das minhas férias, combinando previamente comigo.

5 O pássaro voou: novas metáforas

Aos 11 anos, utilizando-se da mãe e mais tarde pela própria vontade, Gilson decidiu terminar a análise. Imortal como Édipo, constituindo-se na organização do desejo, tentava expressar-se como sujeito. A decisão de terminar a análise era uma demanda a ser falada por ele.

O silêncio, o segredo, o mistério eram constantes na vida de Gilson. Também silenciou sobre a morte de Rei, seu cachorrinho e companheiro, ocorrida três anos após o início da análise; e de sua babá, um ano depois dessa perda. Denegação?

Também na escola se fazia notar pelo silêncio, embora desempenhasse satisfatoriamente as tarefas. Limitava-se a dizer “presente” na chamada convencional da lista dos alunos em sala de aula. Significante que marcou o processo de Gilson: ele me foi expressamente entregue por sua mãe como um “presente”. E assim o acolhi nos seus progressos e dificuldades até o momento em que, por decisão sua, comunicou-me o término de sua análise. “Presente” que assim considere por vê-lo encontrar-se bem consigo mesmo, não necessitando mais de mim.

Inesperadamente, sua mãe me aborda, falando em nome de Gilson. Ele desejava terminar a análise. Falou a sós comigo no portão onde o havia deixado. Não concordei. Propus esperar até que o pedido fosse verbalizado por ele diretamente a mim. Ele não o fez. Após quinze dias, ele tentou novamente com a mediação da mãe: os dois na minha sala, mas somente ela falava. Recusei a proposta. Emiti minha decisão de esperar a fala dele. Ele participou do diálogo como um observador atento. Após um mês, Gilson me fala narrando a história do seu desenho:

– Eu não quero mais vir aqui porque os ônibus estão muito caros. Cansado. É pra você ligar pra mamãe no escritório. Cansado demais. Acordar todo dia cedo.

– Há quanto tempo você vem aqui? – perguntei.

– Há uns quatro. Fiquei aqui uns oito anos – ele respondeu.

– Lembra-se como era?

Para de desenhar e pensa:

– Estudava no... Mudei de casa e tive de ir. O ônibus demora ainda, parando de ponto em ponto.

– E se reduzirmos para duas sessões? – perguntei.

– Tenho de acordar cedo.

– O que representou para você vir aqui oito anos?

– Aprender – respondeu.

– Eu lhe prender, preso por mim?

– Senti – ele disse.

Mostro-lhe os vidros quadriculados da porta da minha sala parecendo uma prisão.

– Eu sou polícia prendendo você? – ele mantendo-se calado, continuei – É difícil falar nisso? Você está soltando sua fala para eu lhe soltar daqui, eu querendo quebrar o que prende sua fala?

– É – ele respondeu.

– Eu, como se fosse um guarda, fazendo interrogatório para que você diga tudo, confesse seu crime... – acrescentei enquanto ele ria – A gente pensava que você era mudo.

Na sessão seguinte, ele retoma seus desenhos habituais. E constrói uma história:

– Comida dentro da gaiola. Mato ele no mato, deitado. Um fio de nylon amarrado na

porta. Se o passarinho entrasse, ele puxava. O jeito era pular.

– Quem o amarra ao pé como se fosse um passarinho? – perguntei.

– Você.

– E que vai fazer? – perguntei.

– Voar. O passarinho entrou na gaiola, a porta fechou e o passarinho ficou preso. Atrás das rochas tinha uma gaiola com quatro partes para quatro passarinhos. O passarinho sabia que eles queriam prendê-lo. O passarinho voou. O outro, voou. O cara ‘arretado’ veio para trás, enfiou uma mão aqui. E nada. O passarinho começou a cantar. Ele botou comida na gaiola. Mas os passarinhos já sabiam e ...zum!... O cara ficou com raiva.

– Parece com sua história aqui?

– O cara quer pegar o passarinho e botar na gaiola. Você quer me pegar e eu fujo.

– Quando vem pela última vez? – perguntei.

– Não sei. Quem tem de saber é o passarinho. E falando...

– Você vai vir?

– Mais nunca! – ele respondeu.

– É segunda-feira seu horário?

– Quero hoje o último dia. Você é o caçador e eu o animal. Você quer me pegar. Botar na jaula.

– Como termina?

– O caçador ficou com raiva, e o animal fugido. Fica solto, muito alegre, na floresta. E o caçador fica querendo pegar o animal.

– Ele consegue?

– Às vezes.

– E desta vez?

– Não vai conseguir.

– Sua mãe já sabe?

– Ela me contou. Está satisfeita.

– Que devo fazer de sua próxima hora?

– Nada. Bota outro no meu lugar – ele respondeu rindo.

– Assim você vai ficar livre para desenhar, falar em todos os lugares como você fez aqui. E o passarinho?

– O homem, com muita raiva, levando a gaiola pra casa. No outro dia, tentou pegar. De noite, pegou dois passarinhos. Foi pra casa e não voltou mais.

Acolhi sua decisão dizendo-lhe: você fala, pensa e pode fazer muitas coisas sozinho. Tchau!

As flores que sua mãe e ele me enviaram após a última sessão, cujo texto se encontra no item final da análise, recebi como um “presente” para além de uma formalidade. A vasectomia do pai havia sido considerada como um “presente” que ele dera à sua esposa, atendendo ao desejo dela. As poesias construídas em um “depois” tiveram para mim essa significação como todas as suas conquistas no tratamento.

O pai de Gilson, como sempre tinha acontecido, atendeu ao convite e prontamente veio ao meu consultório. Soubera do final do tratamento por Bil. Abraçara Gilson demonstrando alegria pela conquista, dizendo-lhe: “Você é um ‘cabra’ macho”, e deram-se as mãos. Elogio de pai, “homem nordestino”. Elogio que ao mesmo tempo evidenciava e escondia uma questão que envolveu intensamente o pequeno Gilson na sua caminhada de sujeito. Formalizei o término do tratamento do seu filho.

Ele comunicou a mãe mesmo antes que eu o fizesse. Telefonou-me. Ela chorava. Enviou-me um “presente” de rosas vermelhas com um cartão: “Dulce, Era noite quando nós a conhecemos. Hoje, em pleno amanhecer, agradecemos juntos sua amizade. Sempre Gilson e Lina.”

Pelo telefone, ansiosa, ela me falava do seu receio de me perder. Encorajo-a a procurar um analista, e ela o fez. Após o término da análise de Gilson, ela solicitou uma entrevista comigo. Emocionada, falava dos seus medos de não saber manejar a dificuldade do filho sem minha colaboração. Referia-se a mim como “muletas” das quais temia livrar-se. Aliás, no início da análise, eu lhe sugerira o nome de um psicanalista para acompanhá-la. Ela ficara por algum tempo. Sugestão que no momento reforcei.

6 O depois

Como é de conhecimento, os efeitos da análise aparecem, sobretudo, depois; como se o trabalho prosseguisse. Assim é que, nove meses depois, a mãe de Gilson me telefonou para dizer que vai me mandar duas poesias dele, uma das quais lhe deu prêmio na escola. Os poemas de Gilson:

FIM

Fim de uma história
é o fim do mundo,

Fim de uma pessoa
é o fim da matéria,

Fim de passarinho,
é o fim dos animais.

Dez meses depois, outra poesia no Dia das Mães (9.5.1983)

O DIA FELIZ

A natureza acordava
Pássaro cantava
em galho, em galho,
Borboletas voavam
e diziam:
Bom dia!

A fala presa se soltava em poesia. Além do sintoma – mutismo, “autismo”, neurose infantil...? –, Gilson parecia descobrir um “saber fazer” melhor com suas dificuldades. Explorando a imaginação, descobrindo-se e revelando-se em metáforas poéticas, assim como nas histórias que eu não conseguira decifrar. Quem sabe? A imagem do pássaro, aquele que é perseguido pela sua beleza, seu canto, amante da liberdade, acompanhou-o. A liberdade, do “dia”, longe da “noite”, prevaleceu sobre os pesadelos. Durante muito tempo, anos após o término da análise, a mãe de Gilson insistia para que ele me procurasse. Ela sempre lhe falava sobre mim. Ele nada respondia. Simplesmente esboçava um sorriso. Temos, ela e eu, a impressão de que minha imagem apagou-se definitivamente da sua lembrança.

Sua mãe ainda tinha o que falar: em dezembro de 1982, após o término da análise envia-me: “Dulce, Que os anjos digam amém às suas justas aspirações. Que o Menino Deus conserve, acrescentando a cada dia, mais saúde, mais paz e mais amor. São os votos de Lina e Gilson.” Em dezembro do ano seguinte, 1983: “Dulce, Querida amiga. O que para a lagarta é o fim do mundo para o Mestre é uma borboleta. Feliz Natal e que neste próximo ano você possa continuar a ensinar o caminho da realização. Lina.” Somente ela assinava.

Em uma festa comemorativa de aniversário para a qual, socialmente, incluí sua mãe entre os convidados, dezessete anos após o término da análise, ele chegou acompanhado de um amigo – uma companhia humana. Eu não esperava. Não o reconheceria em outro lugar e,

sobretudo, se ele não se apresentasse com o nome próprio fazendo alusão ao nome de sua mãe. Eu não o vira desde a última sessão. Em um momento em que tudo era rosa e verde na decoração do ambiente, a música animava a festa. Ele me presenteava com um colar entrecruzado de fios em nuances da cor do céu, passando das suas mãos para as minhas. Em um lapso de tempo, ele desapareceu e nunca mais o revi. Em todos os lugares, seus familiares referiam-se à análise de Gilson como uma conquista de grande valor. É tudo o que sei depois de julho de 1982 na sua última sessão de análise.

Era um novo tchau, nostálgico e festivo, fugidio que eu escutava após tantos anos de ausência. Gilson aparecia inserido neste planeta, presença que se mantém nas minhas lembranças sem que eu as possa apagar ainda hoje. Nos meus devaneios e realizações, verde como a esperança, marcava-se o final de “uma história de amor” como assim a designou Rosine Léfort quando lhe relatei o caso.

7 Pais e crianças em análise

No trabalho psicanalítico, os pais estão sempre inclusos como porta-vozes de desejos, testemunhas ou responsáveis por fatos claros ou ocultos que se passam com os filhos. Na escuta também são atingidos pelas interpretações. Partilham do processo da “cura” psicanalítica, em direção à castração simbólica, objetivo do trabalho. Há obstáculos. Castração que também toca o analista com seu “furor *curandi*”, “sobre o qual justamente Freud alertou os analistas iniciantes” (QUINET, 2009, p. 98), advertindo-os sobre os perigos da ambição terapêutica. As intervenções estão sujeitas a contaminações do analista como frequentemente encontram-se presentes no relato dos pais do analisante infantil. A “falta” que estrutura o pequeno sujeito alcança, com os mais variados sintomas, todo o contexto humano das pessoas que estão ligadas ao “caso”, o analista também.

Anos após o término da análise de Gilson, podíamos afirmar alguma coisa que aumenta a fé na sua psicanálise. O tempo de constituição do Édipo, segundo a teoria de Freud (1924/1996), reafirmando-se. A tenra idade de Gilson, submetendo-se à análise, foi um dos fatores que possivelmente contribuiu para os resultados satisfatórios. Ele pode viver na transferência analítica experiências não anteriormente partilhadas, além de algo mais que viabilizou o processo de encontro de gratificações em diferentes níveis do princípio do prazer (FREUD, 1920/1996): com sua mãe, comigo, com ele próprio, elaborando sintomas. Gilson constituiu família. Segue uma vida normal, estudando, trabalhando. Introspectivo e profundo. Sociabilidade inibida.

Essas foram as impressões que recentemente me foram dadas por sua mãe e por outras pessoas que participam do seu círculo de amizade. Falam sobre ele como uma pessoa suave, responsável, “diferente”.

Gilson mudou: fala, escreve, pensa, enfrenta desafios – estuda, trabalha, administra sua vida com a participação da mãe, dos irmãos, da esposa. Seu olhar vago e distante transformou-se em um olhar presente e tranquilo. Sua passividade, em pacificidade. Do seu “fechamento”, há um resto que se poderia considerar um caráter introspectivo. A psiquiatria clássica se referiria, talvez, a uma personalidade esquizoide. Nas suas emoções embotadas, há uma tônica de serenidade. Desempenha suas tarefas em um ritmo próprio. Sociabilidade inibida.

Aí está o tratamento de uma criança que me foi trazida como um “presente”, expressão significativa várias vezes utilizada durante o tratamento de Gilson, utilizada dentro e fora do ambiente da análise. E foi por mim acolhida como “dádiva” nos desafios da escuta terapêutica. Sua vitória: “presente” para a vida e para a escola o curtiu e o estimulou, onde, durante muito tempo, pronunciava essa única palavra por ocasião da chamada na lista dos alunos. “Presente” para seus familiares que se orgulham do seu êxito.

7 A análise chegou a um fim, se é que análise termina

Não se trata, contudo, de gratificar ou de frustrar no trabalho psicanalítico, mas de escutar, para além das demandas, o que se encaminha para o desejo. Um encontro com o “real” sempre falhado. Não é a falta do objeto – mãe, seio... – de que se trata no processo, mas do que tais objetos, totais ou parciais, significam na estruturação do sujeito do desejo. Importa a falta que transita do real para um imaginário e alcança o simbólico ou o inverso dessa assertiva, tendendo para o “real” como o último termo, o inatingível, o que atrai. Real que permanece buraco, suscitando reviravoltas em torno dele.

Esse relato vem sendo tentado desde os cinco anos após o término do tratamento. Desejo cumprir a parte final na tarefa desse caso: escrevê-lo, divulgá-lo. Contribuir para o desenvolvimento da psicanálise empenhada em resgatar a saúde emocional dos que a procuram. Dos que a exercem por ofício, sabendo que a experiência clínica enriquece e comprova sua teoria. Como negar a colaboração? Esse drama o herdamos de Freud. Pensando nele e em Gilson, preparo-me para enfrentá-lo.

As advertências de Freud ecoam em mim: a vacilação sobre a escrita de um “caso”, sempre valerão para mim (FREUD, 1905[1901/1996]). “Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; [...] somente submeter o material obtido a um processo sintético de pensamento após a análise ter sido concluída.” (FREUD, 1912/1996, p. 128).

Ao mesmo tempo em que Freud nos faz responsáveis pelo prosseguimento da construção da psicanálise e sua transmissão, cuja pedra de toque é a clínica, ele também vacilou na publicação dos casos. Temeu pela ética. Sobre Dora, o primeiro caso que divulgou, diz:

Naturalmente, não posso impedir que a própria paciente sofra uma impressão penosa, caso a história de sua própria doença venha a cair acidentalmente em suas mãos. Mas ela não saberá por este relato nada de que já não tenha conhecimento, e poderá perguntar a si mesma quem, além dela, poderia descobrir que é ela o objeto deste trabalho. (FREUD, 1905[1901/1996, p. 19).

Por muitas razões, é difícil escrever sobre a teoria e a clínica psicanalítica, e mais, dar publicidade aos casos. É um compromisso com a ética da psicanálise. Questão indissociável da ética com relação ao analisante.

Vinte anos se passaram após a análise de Gilson. Está casado e tranquilo. Trabalha com a esposa na produção de alimentos para venda. Os três irmãos bem-sucedidos profissionalmente. Sua mãe, aposentada na área do Direito, prepara-se para iniciar pequena empresa de atendimento de família com uma equipe interdisciplinar. Sente-se feliz e livre. Com um dos netos em sua companhia. Deseja trabalhar na área da Psicologia ou Psicanálise. Na sua monografia de final de curso de Psicologia, entre as dedicatórias encontro: “A Dulce de Queiroz Campos, psicóloga que me fez absolvida dos meus pecados no meu papel de mãe.” Atualmente, 2010, ela me faz referências ao bom ajustamento familiar de Gilson com sua esposa, sem filhos. Ele tem 39 anos.

Resumo:

Fim da análise– nove anos e onze meses (1974)

Mãe – 35 anos. Preparando-se para estudar Direito

Pai – 39 anos. Comerciante de produtos alimentícios de pássaros

Separação dos pais – setembro de 1977

Morte de “Rei” – 1978

Morte da babá – 1979

Poemas de Gilson enviados para mim – abril e maio de 1983

Várias comunicações minhas com os pais de Gilson

Primeira divulgação do caso – setembro de 1992.

Referências

BATAILLE, L. *O umbigo do sonho*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

BERGÈS, J.; BALBO, G. *A atualidade das teorias sexuais infantis*. Porto Alegre: CMC, 2001.

BÍBLIA. N. T. Mateus. Português. *Bíblia Sagrada*: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balacin. São Paulo: Paulinas, 1990. Cap. 26, vers. 24.

CAMPOS, D. *Identificação e identidade*. 2. ed. Recife: UBE, 2002. (Coleção Trem das Letras).

DOLTO, F. *O caso Dominique*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1972.

_____. *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. Tradução Albertine Santos. Lisboa: Relógio d'Água, 1983.

_____. *Psicanálise e pediatria*. 4. ed. Rio de Janeiro: UTC, 1988.

_____. *Quando surge a criança*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

_____. *Seminário de psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.

FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-76. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18) (Texto originalmente publicado em 1920).

_____. *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 225-274. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23) (Texto originalmente publicado em 1937).

_____. *A dissolução do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-199. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19) (Texto originalmente publicado em 1924).

_____. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-80. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19) (Texto originalmente publicado em 1923a).

_____. *O esclarecimento sexual das crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 137-149. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 9) (Texto originalmente publicado em 1907).

FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-166. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7) (Texto originalmente publicado em 1905[1901]).

_____. *A organização genital infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 155-161. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19) (Texto originalmente publicado em 1923b).

_____. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-159. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18) (Texto originalmente publicado em 1921).

_____. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 147-159. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12) (Texto originalmente publicado em 1912).

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7) (Texto originalmente publicado em 1905).

KLEIN, M. *Contribuições à psicanálise*. 2. ed. Tradução de M. Mailet. São Paulo: Mestre Jou, 1981. (Texto originalmente publicado em 1947).

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-1958). Tradução de Vera Ribeiro. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 537-590.

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958a). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Editor, 1998. p. 591-652.

_____. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 238-324.

_____. A significação do falo (1958b). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 692-703.

_____. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Tradução de Betty Millan. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

_____. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

_____. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

_____. *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

_____. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LACAN, J. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (1958-1959). Publicação de circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, mar. 2002. Não publicado.

_____. *O seminário, livro 9: a identificação* (1961-1962). Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. Não publicado.

_____. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

_____. *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (1945). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 197-213.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: M. Fontes, 1998.

MANNONI, O. *Isso não impede de existir*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. *La primera entrevista con el psicoanalista*. Gedisa, Barcelona, 1979.

_____. *Um saber que não se sabe: a experiência analítica*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

QUINET, Antonio. *A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

SPITZ, René. *O primeiro ano de vida de uma criança*. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2004.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.